

# AS PRINCIPAIS DIFICULDADES DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO: UMA ANÁLISE DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CRICIÚMA/SC

MAYSA PEREIRA SOARES<sup>1</sup>

maysa\_fofy@hotmail.com

GRASIELA GONÇALVES MENDES<sup>2</sup>

grasimendes@unesc.net

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi verificar as dificuldades apresentadas pelos professores de Educação Física da rede municipal de Criciúma na prática pedagógica com alunos autistas no ensino fundamental. Para isso foram aplicados questionários aos professores de educação física de três escolas da rede municipal de educação de Criciúma/SC que possuem incluídos nas turmas regulares alunos autistas. Como instrumento de coleta de dados, utilizamos o questionário com perguntas abertas. Os professores responderam suas principais dificuldades em trabalhar, interagir, comunicar e avaliar as crianças com autismo. Concluiu-se que a principal dificuldade apontada pelos professores foi a falta de conhecimento relacionado ao tema, levando em consideração que a rede municipal não oferece formação para esses profissionais atuarem com as crianças autistas.

**Palavras chaves:** Autismo; Inclusão; Educação Física.

## ABSTRACT

The objective of this research was to investigate the difficulties presented by physical education teachers in the municipal Criciúma in pedagogical practice with autistic students in elementary school. For that questionnaires were applied to physical education teachers from three schools in the municipal education Criciúma / SC have included in regular classes autistic students. As data collection instrument, we used the questionnaire with open questions. Teachers filled their main difficulties in work, interact, communicate and evaluate children with autism. It was concluded that the main difficulty pointed out by teachers was the lack of knowledge related to the topic, taking into account that the municipal system does not offer training for these professionals act with autistic children.

**Keywords:** Autism; Inclusion; Physical Education.

## INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Graduanda em Educação Física pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

<sup>2</sup> Professora mestre do curso de Educação Física pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Este estudo teve origem durante as observações do estágio não obrigatório do curso de graduação, no qual, percebeu-se a importância de compreender a educação inclusiva no contexto educacional mais especificamente na prática pedagógica em Educação Física. A educação inclusiva tem gerado diversos debates na atualidade, e a Educação Física enquanto componente curricular faz parte da discussão social a respeito dos princípios que norteiam a inclusão.

No panorama atual verifica-se que há indícios de que o número de crianças com necessidades especiais nas escolas tem crescido nos últimos anos e juntamente com este fato crescem também as dificuldades dos professores em atuar com essas crianças.

Uma das deficiências que têm estado em evidência nas mídias sociais e nos meios de telecomunicação em massa é o Autismo, e nas escolas é possível encontrar diversas crianças com essa necessidade especial, porém, ainda são escassos os casos em que o professor consegue realizar a inclusão desses alunos de forma plena, e diga-se plena no sentido do desenvolvimento das capacidades, da socialização e autonomia.

Diante disso considerou-se relevante tematizar nessa pesquisa a prática pedagógica inclusiva de alunos autistas nas aulas de Educação Física, direcionando o foco para o olhar do professor na prática diária com esses alunos.

Dessa forma delimitou-se o seguinte problema de pesquisa: Quais as principais dificuldades dos professores de Educação Física na inclusão de alunos com autismo? Para responder a essa pergunta estabeleceu-se o seguinte objetivo: Verificar as dificuldades apresentadas pelos professores de Educação Física da rede municipal de Criciúma na prática pedagógica com alunos autistas no ensino fundamental.

O autismo é um distúrbio do desenvolvimento humano que é estudado pela ciência a quase seis décadas, porém, ainda existem algumas perguntas sem respostas para esclarecer. Segundo Gauderer, (1997, p. 03):

O autismo é uma inadequacidade no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave, durante toda a vida. É incapacitante e aparece tipicamente nos três primeiros anos de vida. Acomete cerca de vinte entre cada dez mil nascidos e é quatro vezes mais comum no sexo masculino do que no feminino. É encontrada em todo mundo

e em famílias de qualquer configuração racial, étnica e social. Não se conseguiu até agora provar qualquer causa psicológica no meio ambiente dessas crianças que possa causar a doença.

Gauderer (1997) afirma que, os sintomas podem ser verificados pela observação do comportamento, exames e entrevistas com o indivíduo e familiares, sendo que, os principais são, reação anormais às sensações, distúrbio no ritmo de aparecimento de habilidades físicas, sociais e linguísticas, fala ou linguagem ausentes ou atrasados, uso de palavras sem associação com o significado, entre outros.

Segundo Carlson (2002), as pessoas autistas na maioria das vezes apresentam comportamentos anormais, elas podem exibir estereótipos tais como balançar o corpo ritmicamente e obsessões por objetos.

Existem outras condições do autismo mais graves onde os portadores apresentam auto agressividade e resistência a mudança. Diante dessas condições estabelece-se o desafio no âmbito escolar de incluir os alunos autistas, nesse caso, mais especificamente nas aulas de Educação Física.

De acordo com Aguiar e Duarte (2005, p. 228)

[...] A Educação Física escolar deve ter como eixo fundamental o aluno e, sendo assim, deve desenvolver as competências de todos os discentes e dar aos mesmos, condições para que tenham acesso aos conteúdos que propõe, com participação plena, adotando para tanto estratégias adequadas, evitando a exclusão ou alienação.

Para que de fato ocorra uma educação inclusiva é necessária mais atenção nas escolas e principalmente pelo governo, pois, é o maior responsável por verbas, as escolas precisam ser adequadas para receber esses docentes com equipe qualificada e a estrutura física adequada como biblioteca laboratórios e salas de aula que não estejam superlotadas.

O sucesso da inclusão de pessoas com necessidades especiais no ensino regular e de uma sociedade inclusiva depende da ação conjunta de toda população. (AGUIAR e DUARTE, 2005)

No decorrer do tempo tem surgido a necessidade da Educação Física se modificar, se tornar menos excludente em todos os âmbitos, inclusive nos casos dos alunos com necessidades especiais. No entanto, percebe-se que alguns fatores limitam a prática pedagógica inclusiva nas escolas, esses

fatores vão desde a má qualificação até o descaso dos profissionais e dos governantes.

Isso se constitui um problema na medida em que a escola e a Educação Física têm o papel fundamental no auxílio da inclusão como um todo não só nas aulas, mas também na sociedade.

Essas questões fundamentaram a realização dessa pesquisa que verificou quais as principais dificuldades que limitam e dificultam a inclusão de alunos autistas na prática pedagógica em Educação Física escolar na rede municipal de Criciúma- SC. Para isso a metodologia utilizada foi a de pesquisa de campo, aplicada em três escolas do município de Criciúma no ensino fundamental I, a escolha dessas escolas se deu por possuírem um ou mais alunos com autismo incluídos nas classes regulares de ensino.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Essa pesquisa foi realizada mediante aplicação de um questionário com o professor de Educação Física, iremos nos referir aqui às escolas pesquisadas como escola A, B e C e aos professores destas três escolas como professor 1, 2 e 3.

Ao iniciar as análises e os questionamentos verificou-se a falta de preparo dos professores no trato pedagógico com alunos autistas. Os professores 1, 2 e 3 não hesitaram ao responder que não se consideram capacitados para atender os alunos com autismo, eles relataram que o problema está na falta de formação específica. Segundo Cidade e Freitas (2009, p. 15):

É importante que o professor tenha os conhecimentos básicos relativos ao seu aluno como: tipo de deficiência, idade em que apareceu a deficiência, se foi repentina ou gradativa, se é transitória ou permanente, as funções e estruturas que estão prejudicadas.

Evidenciou-se o fato de que os professores estão à procura do conhecimento para conseguir passar as atividades adequadas para seus alunos, porém eles buscam individualmente. Em uma das falas o professor 3 afirmou: *“busco conhecimento individual, pois a rede não oferece”*.

Outro ponto significativo dessa pesquisa foi a percepção da dificuldade dos professores em inserir no contexto escolar o aluno com autismo, relataram que se não fossem os estagiários e monitores eles não saberiam como lidar com esses alunos em suas aulas, pois um aluno com o grau de autismo mais elevado acaba exigindo atenção redobrada do professor.

De acordo com Monte (2004) existem três pontos fundamentais para o sucesso da inclusão do aluno autista. O primeiro, o aluno deve ser inserido, em uma sala que tenha alunos com idades cronológicas semelhantes. Segundo, o aluno deve ser inserido em uma sala com nível de desenvolvimento próximo ao dele. O terceiro deve-se evitar o aparecimento, no meio ambiente da sala de aula, de problemas de comportamento que comprometam a convivência dessa criança.

Outra dificuldade apresentada foi em relação a comunicação do professor com o aluno e mais uma vez entra o papel do estagiário e monitor, para o professor 1 escola A *“é necessário a ajuda do estagiário que está sempre em contato com a criança.* O professor 2 da escola B também afirma nesse sentido que: *“o monitor é que tem mais contato com a criança e consegue se comunicar”.* Já o professor 3 da escola C relata *“eu me comunico normal, pois o único autista que tenho é grau leve.”*

No caso do professor 3, pode-se perceber que ele não tem tanta dificuldade com seu aluno autista pois o grau de autismo dele é mais leve podendo ter uma comunicação normal, já os professores 1 e 2 apresentam dificuldades em se comunicar, dessa forma observou-se que no caso destes dois professores a comunicação com os alunos autistas é realizada somente por meio do estagiário ou monitor.

O professor 2 da escola B ainda afirma que fator limitante é descobrir quais atividades são adequadas para o aluno autista, ou como podem ser adaptadas as atividades para esses alunos.

Diante desse fato considera-se como primordial a formação continuada, pois, há uma enorme necessidade entre os professores da área de um estudo direcionado para educação inclusiva em Educação Física.

Quando questionados a respeito das atividades que são realizadas o professor 1 respondeu que: *“em alguns casos as atividades são as mesmas havendo a socialização e a participação do grande grupo com o aluno autista,*

*em outros casos as atividades são diferentes não havendo socialização com os colegas. O professor 2 afirmou que “a participação é pouca, a criança não consegue interação com o grupo. E o professor 3 disse o seguinte “no meu caso tem participação dele com os outros alunos, os outros alunos tratam ele normalmente.”*

Ao responderem a respeito de como é realizada a avaliação dos respectivos alunos o professor 1 afirmou “*eu avalio com objetivos diferentes; O professor 2 relatou “considerando as poucas vezes que participa das atividades” e o professor 3 respondeu “avalio todos iguais de acordo com seus limites”*. Sendo assim o que se percebeu é que os professores 1 e 3 ainda conseguem avaliar seus alunos, já o professor 2 tem mais dificuldade em avaliar por conta do grau severo de autismo. O aluno autista do professor 2 raramente participa das aulas, com as análises percebeu-se que dois dos três professores pesquisados tem dificuldade em passar as atividades para os alunos com autismo, eles relatam também que os alunos não têm interação com o grupo.

Compreende-se que para que haja uma verdadeira inclusão é necessário que professor, gestão escolar e governo promovam as condições necessárias. Entre essas condições pode-se citar a infraestrutura adequada, os cursos de formação continuada, os materiais necessários e o acompanhamento profissional adequado.

Pois, não pode se pensar em inclusão sem antes levar em consideração que é na escola que os conhecimentos sistematizados são socializados aos alunos, isso nos remete a ideia de que incluir verdadeiramente requer a garantia de acesso ao conhecimento de acordo com as possibilidades sociocognoscitivas dos alunos.

A inclusão também se legitima, porque a escola, para muitos alunos, é o único espaço de acesso aos conhecimentos. É o lugar que vai proporcionar-lhes condições de se desenvolverem e de se tornarem cidadãos, alguém com uma identidade sociocultural que lhes conferirá oportunidades de ser e de viver dignamente. Incluir é necessário, primordialmente para melhorar as condições da escola, de modo que nela se possam formar gerações mais preparadas para viver a vida na sua plenitude, livremente, sem preconceitos, sem barreiras. Não podemos contemporar soluções, mesmo que o preço que tenhamos de pagar seja bem alto, pois nunca será tão alto quanto o resgate de uma vida escolar marginalizada, uma evasão,

uma criança estigmatizada sem motivos. (MANTOAN, 2006, p. 36)

No caso dos alunos autistas dependendo do grau de desenvolvimento da deficiência, a adaptação da aula se torna uma tarefa difícil, no entanto o professor de Educação Física juntamente com o estagiário ou monitor deve estar atento as possibilidades.

A inclusão requer planejamento e um trabalho minucioso de investigação, reflexão e ação, é preciso perceber se o aluno está de fato sendo incluído no ensino regular ou excluído, com isso necessitamos compreender que cada aluno tem um tipo de limitação e cabe a nós professores adaptar atividades, ainda que as condições objetivas da realidade pareçam desfavoráveis. A aparente fragilidade das pequenas iniciativas tem sido suficiente para enfrentar, com segurança e otimismo, o poder da velha e enferrujada máquina escolar. A inclusão é um sonho possível! (MANTOAN, 2006, p. 91)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio desta pesquisa pode-se verificar algumas características gerais relacionadas ao autismo, compreendeu-se que essa deficiência se constitui em um distúrbio no desenvolvimento, que pode ser limitante na medida em que aumenta o grau de severidade, pois, ainda não existe uma cura, mas sim medicamentos que amenizam os sintomas.

Apesar das dificuldades do aluno autista em se comunicar e se socializar com os demais, ficou evidente que eles podem vir a participar de todas as atividades que os professores oferecem. No entanto, é necessário que o professor tenha interesse em estimular a participação e a aprendizagem desses alunos por meio de um planejamento que englobe estratégias didáticas para a adaptação das aulas. Nesse contexto a presença do estagiário ou monitor é fundamental para que os alunos autistas com um grau mais severo consigam realizar as atividades de acordo com suas possibilidades.

Ao finalizar essa pesquisa pode se constatar que as maiores dificuldades dos professores na prática pedagógica com alunos autistas é a

falta de conhecimento resultante de uma formação insuficiente em Educação Inclusiva, tanto na graduação, quanto nos cursos de capacitação e de formação continuada, o que acaba gerando uma comunicação pouco eficiente entre esses alunos e o professor e o despreparo no que diz respeito a seleção e a adaptação dos conteúdos.

Uma proposição relevante seria a oferta de curso de formação específica em Educação Inclusiva com ênfase na prática pedagógica, outra forma de amenizar a falta de preparo dos professores seria a disponibilidade de livros e materiais para pesquisa sobre o tema, a realização de seminários e projetos, a troca de informações com os familiares, com profissionais da área e corpo docente.

Contudo, reafirma-se aqui o entendimento de que o docente tem um papel essencial para o desenvolvimento do aluno autista, tornando possível seu aprendizado e sua convivência com outros alunos. A luta pela inclusão traz à tona uma discussão de âmbito social que precisa ser superada, pois, estar no mesmo local que os demais pode não significar igualdade, porém garante o direito de acesso as produções humanas e culturais produzidas historicamente nas relações sociais.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, João Serapião de; e DUARTE, Édison. *Educação inclusiva: um estudo na área da educação física*. Rev. bras. educ. espec.[online]. 2005, vol.11, n.2, p. 223-240.

CARLSON, Neil R. *Fisiologia do comportamento*. 7. Ed.. São Paulo: Manole, 2002

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. *Introdução a educação física adaptada para pessoas com deficiência*. Curitiba: UFPR, 2009.

GAUDERER, Christian, E. *Autismo e outros atrasos do desenvolvimento - Guia prático para pais e profissionais*. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

MANTOAN, T. E. M. *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MONTE, R. F. et al. *Saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: autismo*. Brasília: MEC, SEESP, 2004, 64 p.